



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12255 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA E OS SILÊNCIOS NA EDUCAÇÃO

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Deiziane Ferreira - Faculdade de Educação da UEMG

Ana Paula Andrade - Faculdade de Educação da UEMG

DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA E OS SILÊNCIOS NA EDUCAÇÃO

O presente estudo refere-se aos silenciamentos nas questões sobre diversidade de gênero e de raça no Brasil, em especial, na educação. Este trabalho é fruto do diálogo entre duas pesquisas de mestrado em educação em andamento, que abordam diversidade de raça e gênero. A metodologia utilizada está baseada em revisão bibliográfica e no diálogo entre os temas das duas pesquisas. O silenciamento é uma forma de demonstrar o poder, de retirar a fala, o posicionamento e as ideias de determinados grupos sociais. Ao silenciar, ao proibir discursos ou escolher quais serão os discursos promovidos na sociedade, segregamos parte da população e desprezamos sujeitos. Desenvolvemos aqui dois tipos específicos de silenciamentos: um em relação às questões de gênero na educação, a partir do cancelamento do projeto Escola sem Homofobia e das tentativas de proibir o ensino acerca da diversidade sexual; o outro, diz respeito às questões de raça pautando o epistemicídio como uma das formas de apagamento das mulheres negras. Michel Foucault (1977) afirma que a partir do século XIX, junto ao início da Idade Moderna, os corpos dos sujeitos passaram a ser controlados. Neste sentido, o que se percebe, tendo como base os estudos foucaultianos, são discursos e dispositivos da instituição de uma verdade para que os corpos permanecem controlados e para que se mantenha tanto a branquitude quanto a heteronormatividade como padrão, silenciando e cancelando todo sujeito e conteúdo que possa fissurar esta norma. Com relação aos silenciamentos das pessoas LGBTI+, identificamos no veto do Programa Escola sem Homofobia a tentativa de apagamento e repressão quanto aos estudos de gênero na escola, com a supressão das temáticas sobre igualdade de gênero, diversidade e orientação sexual na educação básica. O programa Escola sem Homofobia é elaborado com a proposta

de trazer compreensões acerca do conceito de gênero e diversidade sexual, bem como desenvolver respeito em relação às diferenças, a partir de conhecimento e fomento do senso crítico de educadores e educandos acerca do tema (BRASIL, 2008; FALEIROS, 2016). Porém, o programa “Escola sem Homofobia”, bem como seu material que deveria ser distribuído nas escolas brasileiras, foi duramente repreendido e numa má interpretação apelidado de “kit gay”, tendo seu projeto vetado antes mesmo do início da distribuição dos materiais (FALEIROS, 2016). Ao proibir um projeto de respeito às diversidades sexuais reforça-se a desigualdade de gênero e silencia-se sujeitos, excluindo aqueles que não reproduzem a lógica do sexo biológico, colocando-os à margem da sociedade e os transformando em anormais (FURLANI, 2008; AUAD, 2012). Atrelados às questões de gênero e sexualidade, os silenciamentos estão presentes também quando tratamos de questões raciais. Trazendo a discussão para o contexto do ensino superior, as universidades têm produzido muita teoria sobre a importância de se ter um currículo antirracista e decolonial, no entanto, é falha na prática, quando as pessoas negras ainda são invisibilizadas no meio acadêmico (LIMA; FREITAS, 2020). Quantas mulheres negras fazem parte das referências básicas de um plano de ensino? Quantas mulheres negras estão presentes nas universidades como produtoras de conhecimento e não apenas como um objeto de pesquisa? Sueli Carneiro (2005) nos ajuda a pensar no silenciamento de pessoas negras pautando, em sua tese de doutorado, o epistemicídio como uma forma de violência, inerente ao processo colonial, que exclui a diversidade. Para a autora, o epistemicídio é um processo persistente de produção da indigência cultural, uma vez que nega o acesso a uma educação de qualidade e produz inferiorização intelectual por meio de diferentes mecanismos de deslegitimação do povo negro como aquele capaz de possuir e produzir conhecimento (CARNEIRO, 2005). Indo ao encontro desse pensamento, Djamila Ribeiro (2019) salienta que é incoerente que no Brasil, em que a sociedade é composta majoritariamente por pessoas negras, suas produções não sejam lidas, debatidas e citadas. Construimos nossas subjetividades imersas em teorias e práticas coloniais, crescemos e vivemos em uma sociedade na qual apenas um grupo domina a formulação do saber. Nesse sentido, mulheres negras somente são colocadas na situação de serem ouvidas quando enquadram suas ideias nas normas do grupo dominante, como bem afirma Patrícia Hill Collins (2000). Assim, embora as duas pesquisas tenham objetos diferentes, identificamos uma linha em comum: os silenciamentos de pessoas e de pautas que fogem da norma construída e estabelecida na sociedade. Como afirma Audre Lorde (2019), é necessário transformar o silêncio em linguagem e em ação e este é um trabalho coletivo. Precisamos aprender a agir, a falar e a reconhecer nossa responsabilidade neste processo de transformação. Os silêncios falam; eles dizem sobre aquilo que a branquitude e a heteronormatividade não querem que seja dito. Se ainda encontramos uma educação que silencia minorias sociais, é também por meio dela que encontramos brechas para dar voz a esses grupos.

Palavras-Chave: Educação; Diversidade; Gênero; Raça; Silenciamento.

Referências

- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRASIL. **Caderno Escola sem Homofobia**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuOd3TMGj2hHey9/sem-homofobia-mec.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/patricia-hill-collins-black-feminist-thought.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- FALEIROS, Juliana Leme. “Escola sem Homofobia”: uma leitura do programa de combate à discriminação sexual. In **Políticas Públicas no Brasil: Trajetórias, conquistas e desafios**. Smanio, Gianpaolo Poggio et al. p. 99 – 114. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
- FURLANI, Jimena. Educação Sexual — quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 283-317, jan./jun. 2008.
- LIMA, Caroline. Araújo; FREITAS, Rosineide Cristina. Ainda somos poucos!? Invisibilidade e silenciamento de docentes negras (os) nas universidades. In **ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS**, Universidade do Estado da Bahia - UNEB - v. 2, p. 224-241. 2020.
- LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. Irmã outsider / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/download/extras/Irma-Outsider.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

